

A periferia esquerda da sentença no Português Brasileiro

1. Introdução

O presente projeto está destinado ao estudo da sintaxe das construções que envolvem a periferia esquerda da sentença no português brasileiro, doravante PB. Dentro da periferia esquerda da sentença, o projeto visa a investigar a forma como a sentença aparece estruturada e de que maneira os constituintes que ali estão refletem na sintaxe. O enfoque desse estudo estará no encaixamento sentencial (sentenças interrogativas-Wh, relativas, completivas), nas sentenças clivadas e pseudoclivadas, nas sentenças com foco e tópico. A forma como certos constituintes são retomados na sentença subordinada será observada, verificando se é uma retomada pronominal ou por um vazio; se os constituintes provocam um reordenamento no interior da sentença; se a ordem canônica é mantida. O ponto central é explicar a estrutura das sentenças que têm a periferia esquerda ativada e descrever os fenômenos sintático-discursivos relacionados a tais estruturas.

As estruturas sintáticas são objetos complexos que têm uma organização hierárquica resultante da aplicação repetida de uma mesma operação de combinação de dois elementos, chamada *Merge*. A partir dos anos 80, muitos trabalhos vêm mostrando que os sintagmas e as sentenças têm uma estrutura interna bem articulada. O “Projeto Cartográfico” investiga a estrutura hierárquica dos constituintes sintáticos de forma detalhada e sistemática, identificando representações complexas com posições dedicadas a diferentes interpretações (cf. CINQUE, 1999, 2002; RIZZI, 1997, 2004; BELLETTI, 2001, 2004). Como o próprio nome já diz, a cartografia visa à elaboração de “mapas” das estruturas sintáticas das línguas.

A proposta inicial é que as sentenças e as expressões são formadas por uma estrutura lexical e uma estrutura funcional mais alta, ambas correspondendo a blocos elementares hierarquicamente organizados (cf. CHOMSKY, 1986, Teoria X-barras Estendida). Depois disso, verifica-se que a estrutura funcional tipicamente consiste de mais do que um núcleo.

As evidências que reforçam a análise dos verbos flexionados em termos da distinção entre I e V possibilitaram um desdobramento do núcleo flexional em mais componentes. A partir do desdobramento de I, as zonas CP e DP também sofreram uma extensão, formando sequências hierárquicas de projeções funcionais mais articuladas. O presente projeto está centrado na zona CP e em seus desdobramentos. Nas próximas seções serão apresentados a justificativa do projeto; os objetivos e metas a serem alcançados; a metodologia empregada; os resultados esperados e a viabilidade da pesquisa.

2. Justificativa do projeto

Os estudos cartográficos permitiram a descoberta e a postulação de uma gama de núcleos funcionais cada um com uma finalidade específica. A extensão dos domínios CP-TP-vP-DP ocorreu para dar conta de problemas morfossintáticos particulares através das línguas. Contudo, a postulação de novas categorias na estrutura das sentenças e das expressões nominais abriu espaço para as críticas relacionadas à complexidade das representações sintáticas. Uma pergunta se coloca como fundamental: quão rica pode ser a estrutura funcional das sentenças e expressões?

Há aqueles que advogam a favor de uma abordagem na qual cada traço morfossintático corresponda a um núcleo sintático independente, com um bloco específico na hierarquia funcional. Há aqueles que defendem a minimalidade das estruturas sintáticas, sem a postulação de núcleos funcionais específicos aos diversos traços morfossintáticos, e aos elementos com funções de escopo-discursivas.

De acordo com a abordagem cartográfica, os sintagmas são estruturados e ordenados uniformemente por núcleos lexicais e funcionais através das línguas (Princípio de Uniformidade). Para a cartografia, todas as línguas compartilham os mesmos princípios de composição da sentença e do sintagma e o mesmo *make-up* funcional. Isso não quer dizer que é sempre fácil estabelecer correspondências precisas entre as categorias funcionais visivelmente exibidas pelas diferentes línguas. Essa abordagem assume hierarquias distintas das projeções funcionais dominando VP, NP, AP, PP, IP etc. A universalidade das línguas está relacionada ao tipo de núcleos e especificadores que as projeções funcionais envolvem, em seu número, e em sua ordem relativa. As línguas diferem no tipo de movimento que elas admitem ou no conteúdo do que elas visivelmente realizam em cada núcleo e especificador.

A periferia esquerda é o espaço estrutural onde a sentença se prepara para ser conectada com a superestrutura. É também o espaço que aloja outros constituintes cuja ocorrência não é devida a necessidades seletivas e que, por isso, são tratados muitas vezes como adjuntos a IP ou a CP. O modelo enriquecido com o subsistema FocP/TopP reformula esta situação provendo o CP de posições para alojar constituintes.

O sistema CP é uma área que articula o conteúdo proposicional expresso pelo IP e a estrutura superior que pode ser a sentença matriz ou o discurso. Rizzi (1997) postula uma série de categorias funcionais na periferia esquerda da sentença tornando o sistema CP uma estrutura complexa. A extensão do CP ocorre para acomodar certos constituintes com propriedades discursivas e de escopo, além de derivar sua interpretação da relação Spec-núcleo. O resultado do enriquecimento do CP são dois subsistemas.

O primeiro subsistema é formado por ForceP e FinP. A categoria ForceP é responsável pelo tipo de sentença (interrogativa, declarativa etc.) e pela relação desta com a estrutura superior, que no caso das encaixadas é a sentença matriz, e no caso das matrizes é o discurso prévio. O papel estrutural de FinP é conectar o domínio CP com o IP, bem como codificar informações que expressam a finitude da sentença. ForceP e FinP são categorias que aparecem na estrutura por necessidades de seleção de um determinado núcleo. Considere (1) e (2)¹:

- (1) a. O João perguntou [_{ForceP} onde (que) a Maria encontrou o Pedro].
b. *O João perguntou [_{ForceP} que a Maria encontrou o Pedro no cinema].
- (2) a. O João acha [_{ForceP} que a Maria encontrou o Pedro no cinema].
b. *O João acha [_{ForceP} onde (que) a Maria encontrou o Pedro].

O verbo perguntar em (1) subcategoriza um ForceP interrogativo. (1a) atende essa condição, enquanto (1b) apresenta um ForceP declarativo. Já o verbo *achar* em (2) subcategoriza um ForceP declarativo, condição que é satisfeita em (2a) e não em (2b) que contém um ForceP interrogativo. A categoria ForceP que é responsável pelo encaixe das interrogativas, como (1a), e completivas, como (2a), será objeto de investigação desse estudo.

¹ Exemplos extraídos de Miotto (2001).

O tipo de FinP selecionado vai depender do tipo de ForceP que está presente na sentença. Veja o que ocorre nas sentenças em (3):

- (3) a. O João acha que os cachorros fugiram.
- b. O que fazer com esses alunos?
- c. Não sentar no corredor do ônibus.

A partir destes exemplos, verificamos que uma sentença matriz finita é licenciada por um ForceP declarativo (3a). E, uma matriz infinitiva pode ser licenciada por um ForceP interrogativo (3b) ou imperativo (3c). Um FinP finito pode ter o núcleo C preenchido por um complementizador (*que*), como em (3a), enquanto um FinP infinitivo é determinado por núcleos C não preenchidos, como em (3b,c).

O segundo subsistema é composto de TopP e FocP. O subsistema TopP-FocP aloja constituintes como tópico e foco que estão na periferia esquerda da sentença. Os elementos topicalizados e focalizados não aparecem na sentença por necessidades de seleção dos núcleos, como ForceP e FinP. Por isso, estes constituintes eram tratados como adjuntos a IP ou a CP. Com a expansão do CP, eles passam a ter posições de especificadores nas quais se constroem suas interpretações.

O sistema CP passa, então, a ser composto por quatro categorias funcionais que constituem dois subsistemas: ForceP-FinP e TopP-FocP. Estas categorias se estruturam conforme o modelo X-barra, cada uma projetando o seu especificador e complemento. O CP adquire a seguinte configuração:

- (4) [ForceP ... TopP ... FocP ... TopP ... FinP]

Observa-se que todas as categorias são nomeadas e seguem uma ordem específica. As categorias ForceP e FinP aparecem no início e no fim do domínio CP. Os sistemas TopP e FocP aparecem na estrutura somente se existir constituintes com funções de tópico e foco que precisam estar em relação Spec-núcleo. Quando as categorias TopP e FocP são ativadas, elas aparecem encaixadas entre ForceP e FinP.

As articulações que envolvem a periferia esquerda da sentença como as de tópico-comentário e as de foco-suposição são capturadas por TopP e FocP, respectivamente. A articulação tópico-comentário é representada no exemplo (5):

- (5) Flores, você deveria dar t para Maria (não para Ana).

O tópico é o constituinte preposto *flores* que aparece separado do resto da sentença por uma pausa e veicula a informação já conhecida pelos participantes do discurso. O comentário é um tipo de predicado complexo que se aplica ao tópico. Na sentença (16), o comentário é tudo aquilo que está expresso após a vírgula. O DP topicalizado *flores* é gerado no especificador de TopP na periferia esquerda da sentença.

A articulação de foco-suposição difere da bipartição de tópico-comentário em termos de interpretação. Considere (6):

- (6) FLORES, você deveria dar t para Maria (não bombons).

O elemento *flores* é destacado por um acento proeminente e expressa a informação do discurso não pressuposta pelo ouvinte, enquanto a suposição (*você deveria dar t para Maria*) representa o conhecimento compartilhado pelos interlocutores. O contraste *não bombons* que aparece entre parênteses garante que o que está sendo focalizado na

sentença é o constituinte *flores*. Em (6), o elemento focalizado ocupa uma posição alta na periferia esquerda da sentença.

O destaque de constituintes – tópico e foco – está diretamente relacionado à periferia esquerda da sentença. Rizzi (1997) aponta cinco propriedades sintático-semânticas que diferem o tópico do foco na periferia esquerda da sentença. A primeira delas está relacionada à retomada do constituinte na periferia esquerda da sentença. O foco não pode ser retomado por um pronome resumptivo, como em (7b):

- (7) a. A MARIA t comprou um carro.
b. *A MARIA ela comprou um carro.

Enquanto uma sentença que apresenta o tópico retomado por um pronome no comentário é gramatical, como em (8):

- (8) A Maria, ela comprou um carro.

O elemento focalizado, ao contrário do topicalizado, deve ser retomado por uma categoria vazia (cv). O foco não pode ser retomado por um pronome resumptivo porque é um elemento quantificacional. Assim sendo, precisa vincular uma variável que é [-pronominal] em posição-A. Em (7b), *a Maria* é um constituinte quantificacional e não há uma variável para que a vinculação possa ser estabelecida.

Outra diferença entre o tópico e o foco aparece quando verificamos o efeito de cruzamento fraco (*Weak Cross-Over - WCO*). O foco sofre os efeitos deste cruzamento, enquanto o tópico não reage a tais efeitos.

- (9) a. *A MARIA_i o pai dela_i conhece t_i bem (não o João)
b. A Maria_i, o pai dela_i conhece *ela*_i bem.

(9a) é agramatical porque o foco vincula uma variável por cima de um pronome (*dela*) que não c-comanda essa variável. A variável *t_i* deve estar vinculada diretamente ao foco *a Maria*. Em (9b), o tópico *A Maria* é um constituinte não-quantificacional em posição-A' que vincula um pronome *ela* mesmo existindo o pronome *dela* entre eles. Por isso, a sentença é bem formada.

Rizzi segue Lasnik e Stowell (1991) e afirma que WCO é uma característica distintiva das relações A' envolvendo quantificação genuína. As relações A' são de dois tipos: há as relações envolvendo um quantificador que vincula uma variável e há as relações que envolvem uma vinculação A' não-quantificacional. Nesta última, um constituinte não-quantificacional vincula uma categoria vazia que não é uma variável, é chamada de constante nula (*nc – null constant*). Estas duas relações são ilustradas pela sentença interrogativa em (10a) e pela relativa apositiva em (10b):

- (10) a. ?*Who does his mother really like t?
(De quem a mãe dele realmente gosta t?)

b. John, who his mother really like t.
(O João, que a mãe dele realmente gosta t)

Em (10a), a categoria vazia é uma variável que deve ser vinculada ao operador *who* em posição A'. Isso não ocorre porque há um elemento intermediário *his* impedindo a vinculação. A categoria vazia em (10b) é uma constante nula e não uma variável. Essa

constante nula é licenciada pelo operador *who* que tem sua referência determinada pelo antecedente *John*. Dessa forma, *who* é um operador anafórico sem propriedades quantificacionais, diferentemente do operador em (10a). De acordo com Rizzi, somente a sentença interrogativa em (45a) é sensível aos efeitos de WCO.

Analisando o contraste entre as sentenças em (9a) e (9b) verificamos que apenas a sentença com foco (9a) sofre os efeitos de WCO, o que indica que esta sentença envolve uma relação A' quantificacional. Como a sentença com tópico (9b) não reage aos efeitos de WCO, observamos que esta sentença envolve uma relação A' não-quantificacional. Se o foco é um constituinte quantificacional, ele sempre deve vincular uma categoria vazia do tipo variável em posição A. Dessa forma, satisfaz o princípio de Interpretação Plena (*FI – Full Interpretation*) que propõe que os quantificadores devem vincular variáveis. Isso explica porque o foco não pode ser retomado por um pronome (clítico ou não), como visto em (7b). O tópico é um constituinte de natureza não-quantificacional que pode ser retomado por um elemento pronominal (clítico ou não), como visto em (8).

Outra propriedade que distingue tópico de foco é a compatibilidade com elementos quantificacionais nus (*bare quantificational elements*). O foco é compatível com elementos quantificacionais nus, como vemos pela gramaticalidade de (11), enquanto o mesmo não se verifica com o tópico, como pode ser verificado pela agramaticalidade de (12):

(11) TUDO_i a Maria limpa t_i dentro de casa.

(12) *Tudo_i, a Maria limpa cv_i dentro de casa.

Os quantificadores nus não podem ser topicalizados porque são operadores inerentes. Um operador deve vincular uma categoria vazia do tipo variável em posição A. Como a relação entre o tópico e a categoria vazia não é de natureza quantificacional, não há variável no comentário para ser vinculada pelo operador.

As sentenças que envolvem quantificadores com restrição lexical em posição de tópico são gramaticais, como em (13):

(13) Algumas meninas, a Maria viu elas na festa.

Segundo Rizzi, o quantificador com restrição lexical *alguma meninas* é diferente do quantificador nu *tudo* em (13). O primeiro pode ser topicalizado porque há uma forma de criar uma variável para ele vincular. A sentença (13) tem a seguinte estrutura:

(14) [Algumas_j [t_j as meninas]],_i a Maria viu elas_i na festa.

Em (14), o quantificador *algumas* é extraído do DP, deixando uma variável no seu lugar para ele possa vincular. A relação entre o tópico *alguma meninas* e o pronome tônico *elas* continua sendo de natureza não-quantificacional.

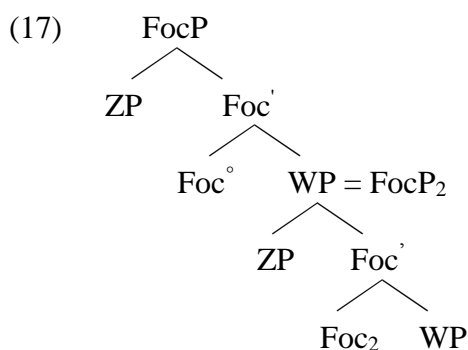
Outra propriedade apontada por Rizzi (1997) é a unicidade do foco. Uma sentença pode ter mais de um tópico, como em (15), mas apenas um foco, como ilustra (16).

(15) A bolsa, amanhã, com certeza, eu comprarei ela.

(16) *PARA O PEDRO MARIA entregou os livros.

A gramaticalidade de (15) mostra que os tópicos *a bolsa*, *amanhã* e *com certeza* podem ocorrer na mesma sentença. Já a agramaticalidade de (16) indica que não há possibilidade de os focos *para o Pedro* e *Maria* estarem na mesma sentença.

As propriedades interpretativas destas construções podem responder porque o tópico é recursivo e o foco não. A categoria FocP tem apenas uma posição para alojar o constituinte focalizado, o Spec de FocP. Se a sentença apresentar mais de um foco, como em (16), é preciso incluir na estrutura arbórea outra categoria FocP, como fazemos em (52):



A categoria FocP₂ é o complemento da outra categoria FocP. Isso não é possível porque o complemento de FocP veicula a pressuposição e o foco é o constituinte que veicula a informação não pressuposta. A recursão de FocP é impedida para que não seja gerado um conflito interpretativo na sentença. Não há problemas quanto ao aparecimento de mais de um tópico na sentença porque o comentário pode ter informação já referida no discurso e também informação não pressuposta.

A quinta propriedade do foco está relacionada à incompatibilidade com as expressões-Wh. O tópico é compatível com um elemento-Wh em uma ordem fixa (Top Wh), já o foco não.

Zubizarreta (1998) assume que o constituinte focalizado em um par pergunta-resposta é aquele que está no lugar da expressão-Wh da interrogativa matriz. Dessa forma, tanto o foco da resposta quanto o elemento-Wh da pergunta ocupam a mesma posição na configuração sintática, o especificador de FocP. Na sentença abaixo, a expressão-Wh *que livro* e o foco *o João* não podem coocorrer.

(18) * O JOÃO que livro comprou (não o Pedro)?

Como a categoria FocP não pode se projetar mais de uma vez na sentença, a expressão interrogativa *que livro* e o foco *o João* disputam a mesma posição. Rizzi (2008) observa que nas línguas com marcadores morfológicos de foco e tópico, como o Gungbe, a expressão-Wh conduz o marcador foco nas interrogativas.

Além das simples com foco e tópico, as sentenças clivadas do PB também têm a periferia esquerda ativada, merecendo investigação e estudo. De acordo com Modesto (2001) e Miotto e Negrão (2007), o constituinte clivado sempre está relacionado aos traços de contraste ou exaustividade. Realmente há certos constituintes que, quando clivados, só veiculam uma interpretação contrastiva ou exaustiva. Mas não há como negar que uma pergunta-Wh sobre o sujeito pode ser respondida com uma sentença clivada que não implica contraste, como em (19) e (20).

(19) a. Quem fez esse bolo?

b. Fui [_F eu] que fiz.

- (20) a. Quem compra frutas na feira?
b. É [_F a Ana] que compra frutas na feira.

Mioto e Negrão (2007) propõem que o elemento clivado está sempre associado à leitura contrastiva/exaustiva. Os autores não aceitam a sentença clivada em contexto pergunta-resposta que é próprio do foco de informação, como pode ser visto nas sentenças em (21) extraídas do texto dos autores.

- (21) a. O que o menino comeu?
b. #Foi o bolo que o menino comeu.
c. #O bolo que o menino comeu.
d. #O bolo o menino comeu.

O resultado do experimento sobre a focalização do objeto realizado por Quarezemin (2009) mostra que nenhum falante seleciona a sentença clivada como uma estratégia de resposta a uma pergunta-Wh sobre o objeto. O exemplo dado por Mioto e Negrão é de clivada objeto; não há nenhum exemplo de clivada sujeito no texto desses autores. Nada exclui que a clivada sujeito possa aparecer em contexto pergunta-resposta (cf. GESSER, 2007; FERNANDES, 2007), o que ressalta uma assimetria sujeito-objeto. A clivada sujeito apresenta particularidades que não estão presentes na clivada objeto. Isso vai ao encontro da análise de Belletti (2008a,c) de que a estrutura da clivada sujeito é diferente da clivada não-sujeito, pois apenas a primeira pode veicular foco de informação ou foco contrastivo. A distinção entre as clivadas sujeito e clivadas está diretamente relacionada ao nosso objeto de estudo.

De acordo com Belletti (2009), a focalização do sujeito em francês e italiano envolve a posição focal baixa, mas de uma forma diferenciada. O italiano emprega essa posição de modo direto, enquanto o francês faz uso dela de modo mais articulado, introduzindo a cópula. A diferença na ativação de FocP se deve às diferentes estratégias de resposta empregada nas duas línguas. No PB, assim como no francês, não há acesso direto à posição focal baixa pelo sujeito FI. A saída encontrada pelos falantes do PB é empregar a sentença SVO com uma prosódia especial (focalização *in situ*) ou a clivada.

Nesse estudo será testada uma análise das clivadas sujeito FI do PB que assume parte da análise de Belletti (2008a,c), para o Francês, e parte da análise de Mioto e Negrão (2006), para o PB. Também será investigado se o complementizador *que* das clivadas pode ser considerado a realização de um morfema foco. Quarezemin (2011), seguindo essa proposta, apresenta para a clivada sujeito foco de informação a representação (22c).

- (22) a. Quem comprou as flores?
b. Foi [_F a Maria] que comprou as flores.
c. [_{TP} Foi [_{FocP} a Maria_i [_{Foc} que_{+F} [_{VP} <ser_{+F}> [_{FinP} <que> [_{TP} comprou t_i as flores]]]]]]]]

Na representação em (22c), a cópula vai para T. O complementizador, analisado como um morfema foco, deixa a sua posição e vai para Foc, de onde sonda o constituinte que deve ocupar o especificador de FocP. Por razões de Minimalidade Relativizada, o sujeito *a Maria* é o único constituinte que pode preencher Spec FocP na periferia da

cópula, que é uma posição argumental². O sujeito sai da posição temática para evitar um congelamento criterial na posição sujeito da subordinada³. Assim, o critério foco é satisfeito e a sentença está pronta para ser enviada aos componentes de interface, PF e LF. De acordo com Belletti (2008c), o CP introduzido pelo complementizador é um CP truncado/reduzido sem a projeção da categoria Force; por isso, o CP na clivada corresponde à projeção FinP ou FocP.

As sentenças clivadas invertidas, como em (23), mostram que o complementizador em PB não pode ser originado diretamente em Foc. Se assim fosse, não teríamos espaço para a cópula. Ela também é um morfema foco e, nesse caso, é a realização de Foc.

- (23) a. [_F A Maria] é que comprou as flores.
 b. [TP [_{FocP} A Maria_i [_{Foc} é_{+F} [_{VP} <ser_{+F}> [_{FinP} que [TP comprou t_i as flores]]]]]]]]

O experimento de Quarezemin (2009) sobre a focalização do objeto mostra que a clivada canônica não é empregada como uma estratégia de resposta a uma interrogativa-Wh sobre o objeto. Contudo, uma pseudoclivada objeto pode ser empregada nesse mesmo contexto. Se se assume que a SC selecionada pela cópula tem um traço EPP na posição sujeito, nas clivadas que veiculam foco de informação, como explicar a possibilidade de o objeto estar nessa mesma posição em uma pseudoclivada que responde uma interrogativa ordinária? Na análise de Belletti (2008c), é o traço EPP da SC que exclui a possibilidade de uma clivada objeto foco de informação. A autora aponta que, em termos de distinção A/A', a posição EPP da SC é uma posição do tipo A, como a posição sujeito de sentenças TP cuja relação de predicação é estabelecida com o predicado verbal. No caso do complemento CP da cópula em clivadas não-sujeito, Belletti assume que não há nenhum traço EPP a ser satisfeito. Desse modo, não há nenhuma restrição ao movimento A' do objeto sobre o sujeito. Um dos objetivos deste estudo é justamente explicar o que exclui a formação da clivada objeto no contexto pergunta-resposta em PB.

Também é preciso investigar as propriedades sintáticas e pragmático-discursivas das sentenças clivadas com foco amplo do PB, como aquela em (24b), caracterizada pela forma [cópula+XP+CP].

- (24) a. O que aconteceu?
 b. Foi [_F a Maria que caiu na rua].
- (25) a. Quem comprou o carro vermelho?
 b. Foi [_F a Maria] que comprou o carro vermelho.

Menuzzi e Roisenberg (2008) assumem para as clivadas a distinção entre pressuposição lógica e informação contextualmente dada. Assim, enquanto o CP das clivadas com foco estreito, como (25b), apresenta uma proposição que é ao mesmo tempo pressuposição lógica e informação compartilhada no discurso, o CP de clivadas com foco amplo como (24b) se caracteriza por conter uma proposição que contém uma

² É difícil definir a natureza da posição FocP baixa em relação à distinção A/A'. Diferentemente da posição FocP na periferia esquerda da sentença que é uma posição A', a posição baixa de foco também está relacionada à propriedades argumentais, como concordância. Rizzi (c.p) propõe que FocP na periferia de vP seja considerada uma posição mista que envolve propriedades criteriais (A') e propriedades gramaticais (A).

³ De acordo com Rizzi e Shlonsky (2007), o sujeito também tem um critério a ser satisfeito. A posição criterial do sujeito é chamada Spec SubjP e fica logo acima de TP. O sujeito deve saltar essa posição e ir diretamente para Spec FocP para que não sofra um congelamento criterial.

pressuposição lógica, mas não uma informação compartilhada. Como consequência, nas clivadas com foco amplo seja o [XP], seja o CP encaixado, veiculam uma informação nova.

Além das sentenças clivadas, também serão estudadas as sentenças pseudoclivadas, como em (26). Mioto (2003) verifica que a pseudoclivada reproduz com fidelidade a A₂ da AS (*Assertion Structure*) do foco não-contrastivo proposta por Zubizarreta (1998). Para Mioto (2004), a pseudoclivada responde uma interrogativa-Wh porque o foco está em uma posição baixa. Nesse caso, ele ocupa o especificador de Foc na periferia de vP.

(26) Quem leu o livro foi [_F o Marco].

A pseudoclivada, diferentemente da clivada, não impõe nenhuma restrição quanto ao tipo de elemento focalizado, sujeito ou objeto, em contexto pergunta-resposta, porque as duas sentenças não têm a mesma estrutura. A representação de uma pseudoclivada segue as análises que propõem uma SC selecionada pela cópula (cf. MORO, 1997; HEYCOCK E KROCH, 1999), com o sujeito da SC sendo o foco e o predicado sendo a relativa. Será investigada a possibilidade de manter para as pseudoclivadas com foco de informação a ativação de FocP na periferia esquerda da cópula.

3. Objetivos

Explicar a estrutura das sentenças do PB que têm a periferia esquerda ativada e descrever os fenômenos sintático-discursivos relacionados as mesmas;

Estudar a relação de subordinação das sentenças, descrevendo o encaixe sentencial nas completivas, interrogativas e relativas;

Apontar as propriedades sintáticas que diferenciam as sentenças interrogativas-Wh das sentenças relativas livres;

Analisar as construções clivadas com sujeito foco, com objeto foco e com foco amplo;

Analisar as construções pseudoclivadas com sujeito foco e com objeto foco;

Fazer um levantamento das propriedades sintático-semânticas que diferenciam as sentenças clivadas das pseudoclivadas;

Investigar exaustivamente as propriedades que diferenciam tópico e foco, apontadas por Rizzi (1997), nas sentenças do PB;

Comparar o estudo da periferia esquerda da sentença no PB com os estudos desse mesmo objeto em outras línguas românicas, como o italiano e o português europeu;

Elaborar e aplicar experimentos para testar a produção e percepção dos falantes em relação às sentenças com constituintes focalizados.

4. Metodologia

A metodologia que orientará a pesquisa é de cunho teórico e qualitativo. O *corpus* de sentenças que têm a periferia esquerda ativada será montado a partir do banco de dados Varsul, dos resultados dos experimentos elaborados durante o desenvolvimento da

pesquisa e das sentenças que serão submetidas a julgamentos de gramaticalidade por falantes nativos do PB.

Será feito amplo estudo da bibliografia já indicada nesse projeto, além de bibliografia adicional, para melhor elaboração de uma análise que corrobore com os objetivos da pesquisa proposta.

Com base nas leituras, nas problematizações das análises sentenciais, nas discussões entre os participantes, serão montados testes e experimentos que explorem, de alguma forma, a periferia esquerda da sentença no PB. Esses experimentos serão realizados com falantes nativos, sem muita restrição quanto à escolaridade, faixa etária, sexo, entre outros fatores sociais. Caso tais fatores se mostrem pertinentes, será providenciado uma forma de testá-los para que os resultados sejam os mais confiáveis possíveis.

Durante a realização da pesquisa será estudada a melhor forma de elaboração e aplicação do experimento, se por meio de questionário (com ou sem resposta), de entrevistas, de produções espontâneas (gravações), de contação de história, elaboração de vídeo com perguntas-testes ao final, entre outros.

5. Resultados esperados

Ao término do projeto, será apresentado um *dossiê* completo sobre a periferia esquerda do PB. Além disso, espera-se que tanto a professora orientadora quanto os alunos participantes tenham cumprido os objetivos propostos aqui e tenham divulgado ao máximo o resultado da pesquisa por meio de publicações de artigos acadêmicos e apresentação de trabalhos em congressos.

Participação ativa dos envolvidos no projeto nos maiores eventos acadêmico-científicos da área da Linguística no Brasil, como Abralín, Anpoll, Gel, Celsul, Gelne, entre outros. Além da participação em congressos relacionados à área no exterior.

Também está previsto como resultado da execução desse projeto a participação dos alunos de graduação com apresentação de trabalho no Seminário de Iniciação Científica e Inovação Tecnológica da UFSC. A professora proponente do projeto coordena há três anos a participação do Núcleo de Estudos Gramaticais (NEG), com um estande, na SEPEX. Portanto, os alunos envolvidos no projeto terão que expor seus resultados de pesquisa nesse espaço.

6. Viabilidade do projeto

A professora orientadora participa como pesquisadora do Núcleo de Estudos Gramaticais (NEG) que tem funcionamento em sala própria, no prédio B do CCE. A sala é equipada com computadores e uma biblioteca especializada em Teoria Linguística Formal. É nesse espaço que os alunos envolvidos com o projeto poderão desenvolver a sua pesquisa, contando com o apoio de outros alunos e professores que também integram o núcleo.

Além disso, a professora proponente desse projeto foi contemplada com o auxílio do Funpesquisa, ganhando materiais de escritório e um computador que podem ser utilizados para o desenvolvimento desse estudo.

A professora orientadora assume totalmente a responsabilidade pela viabilidade técnica e econômica do projeto apresentado.

7. Cronograma de execução das atividades – Maio/2013 a Abril/2016

Maio/2013 a Maio/2014

- Levantamento de material bibliográfico mais recente sobre a periferia esquerda da sentença;
- Levantamento de material bibliográfico mais recente sobre as sentenças clivadas e pseudoclivadas;
- Coletar dados no Projeto Varsul referentes à periferia esquerda da sentença;
- Coletar dados no Projeto Varsul referentes às sentenças clivadas e pseudoclivadas;
- Orientação e discussão a respeito dos textos lidos e dos dados coletados com os alunos e colaboradores;
- Participação em congressos da área;
- Elaboração de relatórios de pesquisa;
- Produção de artigos acadêmicos.

Junho/2014 a Junho/2015

- Levantamento de material bibliográfico mais recente sobre as sentenças interrogativas-Wh e relativas livres;
- Coletar dados no Projeto Varsul referentes às sentenças interrogativas-Wh;
- Coletar dados no Projeto Varsul referentes às sentenças relativas livres;
- Orientação e discussão a respeito dos textos lidos e dos dados coletados com os alunos e colaboradores;
- Participação em congressos da área;
- Elaboração de relatórios de pesquisa;
- Produção de artigos acadêmicos.

Julho/2015 a Abril/2016

- Levantamento de material bibliográfico mais recente sobre as sentenças com tópico e foco no PB;
- Coletar dados no Projeto Varsul referentes às sentenças com foco de informação e foco contrastivo;
- Coletar dados no Projeto Varsul referentes às sentenças com tópico;
- Orientação e discussão a respeito dos textos lidos e dos dados coletados com os alunos e colaboradores;
- Participação em congressos da área;
- Elaboração de relatórios de pesquisa;
- Produção de artigos acadêmicos.

7. Referências

- ABOH, E. O. "Topic and focus within D". *Linguistics in the Netherlands* 21: 1-12, 2004.
- BELLETTI, A. Anotações do curso "Acquisizione Del Linguaggio L2" realizado na Università di Siena, 2009.
- _____. "The CP of *clefts*" In *STiL – Studies in Linguistics*, CISCL Working Papers, v. 2, p. 7-18, 2008c.
- _____. "Answering strategies: New information subjects and the nature of *clefts*", Chapter 10 of *Structure and Strategies*, Routledge, 2008a.

- _____. "Aspects of the low IP area", In Rizzi (Ed.) *The structure of CP and IP. The Cartography of Syntactic Structures*, v. 2, p. 16-51. New York: Oxford University Press, 2004.
- _____. "Aspects of the low IP area", ms, Università di Siena, 2001.
- CHIERCHIA, G. *Semântica*. Trad. Luis Arthur Pagani, Lígia Negri, Rodolfo Ilari. Campinas : Editora da UNICAMP; Londrina : EDUEL, 2003.
- CHOMSKY, N. "Derivation by phase". In: M. Kenstowicz. (Ed.). *Ken Hale: A Life in Language*. Cambridge, MA: MIT Press, 2001.
- _____. "Minimalist Inquiries: The Framework". In: R. Martin, D. Michaels, & J. Uriagereka. (Eds.). *Step by Step – Essays in Minimalist Syntax in Honor of Howard Lasnik*. Cambridge, MA: MIT Press, 2000.
- _____. *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1995.
- COSTA, J. *Word Order Variation. A constraint-based approach*. Doctoral dissertation. HIL/Leiden University, 1998.
- FERNANDES, F. *Ordem, focalização e preenchimento em Português: Sintaxe e Prosódia*, "Tese de Doutorado", Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2007.
- GUESSER, S. *Soggetto nullo e focalizzazione del soggetto in Portoguese Brasiliano*, Dissertação de Mestrado, Università di Siena, 2007.
- HEYCOCK, C. & A. KROCH. "Pseudocleft connectedness: Implications for the LF interface level". *Linguistic Inquiry*, v. 30, p. 365-397, 1999.
- KATO, M. A. & RIBEIRO, I. "Cleft sentences and wh-questions in Brazilian Portuguese: a diachronic analysis", Paper presented at the 35th LSRL. Austin: University of Texas, 2005.
- KATO, M. A. E RAPOSO, E. European and Brazilian Portuguese word order: questions, focus and topic constructions. Campinas, Ms, Unicamp/UCSB, 1996.
- KAYNE, R. *The antisymmetry of syntax*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1994.
- KISS, K. "Focus Identificational versus Information Focus". *Language*, v. 74, n2, p. 245-273, 1998.
- MENUZZI, S. & ROSENBERG, G. Pressuposição, Exaustividade e Denegação nas Clivadas. In: *Revistas de estudos em Linguagem*. UFMG, 2008.
- MIOTO, C. "Focus and Clefting". Paper apresentado no Workshop on Formal Linguistics, UFSC, 2006.
- _____. "Focalização e Quantificação". *Revista Letras*. Curitiba: Editora UFPR, 61, p. 169-189, 2003.
- _____. "Sobre o sistema CP no Português Brasileiro". *Revista Letras*. Curitiba: Editora UFPR, 56, p. 97-139, 2001.
- MIOTO, C.; NEGRÃO, E. "As sentenças clivadas não contêm uma relativa". In: Castilho, A.T. de; Torres de Moraes, M. A., Lopes, R.E.V.; Cyrino, S.M.L. (Orgs.). *Descrição, História e Aquisição do Português Brasileiro*. São Paulo, FAPESP; Campinas, Pontes, p. 159-183, 2007.
- MODESTO, M. *As construções clivadas no português do Brasil: relações entre interpretação focal, movimento sintático e prosódia*. São Paulo: Humanitas –FFLCH (USP), 2001.
- MORO, A. *The raising of predicates*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- QUAREZEMIN, S. Clivadas e focalização no Português Brasileiro. In: PIRES DE OLIVEIRA, Roberta; MIOTO, Carlos (Orgs.). *Percursos em Teoria da Gramática*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011. p. 95-114.
- _____. *Estratégias de Focalização em Português Brasileiro – uma abordagem cartográfica*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2009.

- RIZZI, L. Anotações do curso “Teoria Grammaticale” realizado na Università di Siena, 2008.
- _____. “On Some Properties of Criterial Freezing” in *STiL- Studies in Linguistics*, CISCL Working Papers on Language and Cognition, V. Moscati (Ed.) v. 1, p. 145-158, 2007.
- _____. “On the Form of Chains: Criterial Positions and ECP Effects” in *Wh-movement Moving on*, S. Cheng & N. Corver (Eds) 97-34, MIT Press, 2006.
- _____. “Locality and Left Periphery”. In Belletti (Ed.) *Structure and Beyond. The Cartography of Sybtactic Structures*, vol. 3, New York : Oxford University Press, 2004b.
- _____. (Ed.). *The structure of CP and IP. The Cartography of Syntactic Structures*, vol. 2, New York: Oxford University Press, 2004a.
- _____. “Relativezed Minimality Effects” In Baltin, M. & C. Collins (eds) *The Handbook of Contemporary Syntactic Theory*, 89-110, Blackwell Publishers, 2000.
- _____. “The fine structures of left periphery” In *Elements of Grammar*, L. Haegeman (Ed.) . p. 281-337, Klumer Academic Publishers, 1997.
- _____. “Residual verb second and the Wh-criterion”. In Belletti, A & L. Rizzi (Eds.) *Parameter and functional heads: 63-90*. New York, Oxford, University Press, 1996.
- _____. *Relativized minimality*. Cambridge, MA: MIT Press, 1990.
- RIZZI, L.; SHLONSKY, U. “Strategies of Subject Extraction”, in U. Sauerland and H.M., 2007.
- ZUBIZARRETA, M. L. *Prosody, Focus and Word Order*. MIT Press, 1998.